

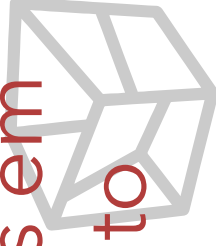
jan. 2019

ISSN 2318-8928

Car dades em Andam entos

seminário de
pesquisas em
andamento

ppgac/eca/usp



insurgência do corpo no ato *espectatorial*. É inerente à questão do choque uma conotação negativa, de fenômeno perturbador e impactante, carregado de violência e de ímpeto e de agitação excessiva. De um choque, podem resultar destroços, feridas, perfurações. Logo, sugiro que a noção do choque transposta ao contexto *espectatorial* consiste na abertura de novos espaços perceptivos que fomentam outros modos de relação entre o sujeito e o mundo, do sujeito consigo. Um exercício de alteridade radical, que despedaça estruturas subjetivas para refundá-las por meio da fratura, do fragmento, do (des)pedaço. Uma prática que resulta no esfacelamentos de referências e na refundação de estruturas identitárias fomentadas pelos processos da cena: que continuam na medida que constituem as suas partes – dentre elas o espectador. Logo, os entrelaçamentos entre choque e *espectação*, fomentados pela experiência direta – pela coexistência no evento –, apontam para a potencialidade da experiência *espectatorial* como forma de alargamento de si, de expansão de horizontes e de possibilidades perceptivas, tornada disponível pela afecção que consome e que transmuta o corpo e o ser na *espectação*. Existir no evento com todas as suas dimensões, persistir no *a posteriori* com a herança herdada da experiência sensível.

Referências

ARDENNE, Paul. Extrémiser la culture. In ARDENNE, Paul. **Extrême. Esthétiques de la limite dépassée**. Paris: Flammarion, 2006, pp. 17-62.

DUBATTI, J. **Introducción a los estudios teatrales**. Mexico: Libros de Godot, 2011.

FÉRAL, Josette. O real na arte: a estética do choque. In: RAMOS, L. F. (org.). **Arte e ciência: abismo de rosas**. São Paulo: Abrace, 2012, pp. 77-94.

MERLEAU-PONTY, M (1945). **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

RANCIÈRE, Jacques (2008). **O espectador emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

PROCESSOS E CRIADORES

/Alice Kiyomi Yagyu/Universidade de São Paulo

Palavras-chave: atuação, investigação, práticas, processos criativos

Processos e Criadores é um grupo de pesquisa sobre práticas de atuação que surgiu a partir de questões levantadas pelos alunos do curso de artes cênicas da Universidade de São Paulo.

É notável que, a cada semestre, os alunos passem por uma série de atividades dentro e fora das salas de aula: exercícios cênicos, improvisações, treinamentos, ensaios, práticas corporais, estudos de obras, análise de artigos, participação em debates, assistir peças e filmes, visitar exposições, escrever ensaios e relatórios.

Após o ciclo básico, é solicitado, aos alunos, que se preparem para projetos teatrais de cunho mais autoral. Nesse momento, verifica-se que, dentre vários motivos, as atividades diversificadas realizadas não lhes proporcionam a emancipação necessária para dominar os fazeres teatrais de maneira contínua e autônoma.

O panorama se complexifica ao se estender a perspectiva para a diversidade dos estudantes. O visível aumento de alunos oriundos de escolas públicas reflete-se num

cenário progressivamente ampliado por distintas realidades e experiências de vida. Tais características, que poderiam enriquecer e alimentar este espaço de troca e encontro, muitas vezes resultam em isolamento, no resguardo do estudante em pequenas “panelas” e no desinteresse em estar criativamente em coletividade.

Rancière inspirou-me a ideia de uma convivência criativa que não ignore o dissenso. O autor defende a necessidade política de desconfiar daquilo que se entende como comum, ou seja, a partir da assunção do dissenso criam-se outras possibilidades de resistência, outras maneiras - menos sucumbidas a certezas generalizantes e a princípios igualitários previamente acordados - de se fazer comunidade ...” (RANCIÈRE, 2005).

Era necessário ampliar o diálogo desta comunidade sobre práticas, procedimentos, modelos de ação, deixando-se enunciar por eles, alunos e alunas, compondo um campo de discussão e reflexão menos verticais.

A discussão foi rapidamente conduzida para a questão da formação do ator na universidade, interrogação que aparece e reaparece periodicamente na história, encontrando respostas variadas no decorrer dos anos, em função dos discursos que atravessam o saber e dos pensamentos estéticos dominantes.

De maneira geral vêem-se três perspectivas em relação à formação do ator: “a primeira é aquela que vê a escola como um fornecedor de um leque de possibilidades para que o ator aprendiz possa nelas percorrer, antes de se direcionar para uma proposta particular; a segunda, aquela que se especializa numa técnica ou num modo de jogo específico: jogo de máscara, corporal, experimental; e a terceira, aquela que os grandes formadores tentam estabelecer – conjuga a ascese do ator e ética. Esta última

consiste em uma escola de descoberta incessante de si mesmo, ligada a um aprendizado de toda uma vida, considerando a transmissão em torno de um mestre, um mestre-pedagogo ou um mestre-orientador, que seria então um facilitador ou mediador de tais processos”. (FÉRAL, 2003)

Para iniciar a investigação sobre a relação do aluno com o curso, esta mediadora elaborou um formulário que foi preenchido pelos alunos do terceiro ano:

Meu nome é tenho anos. Nasci em(cidade, bairro).
Moro.....(sozinho, com a família, amigos, namorado(a), etc). Sou estudante de Artes Cênicas e estou no ano.

O meu dia começa pela manhã, às horas, quando acordo e me preparo para ir à faculdade.(Tomo/não tomo) o café-da-manhã, me visto, façoe às ... (horas) já estou na rua. Para chegar lá vou (a pé, de metrô, carona, ônibus) e levo (minutos, horas).

Durante o trajeto vou(pensando, dormindo, lendo, vendo, etc.) Chegando lá,(vou/não vou) direto à minha sala de aula, pois

Ir à faculdade para mim é pois Às vezes me pego pensando se é onde eu gostaria de estar naquele momento. E respondo que(sim/não) pois

Terminada a aula (o que faz?)
Chego em casa(a que horas, como?) e..... (o que faz?)

Eu me lembro há três anos atrás, quando entrei na faculdade, eu desejava e agora vejo que as expectativas.....

(confirmaram/não confirmaram) pois

Percebo que tenho algumas afinidades nesta área:(o que te afeta/move) e sinceramente (é indiferente).

Ultimamente sou/estou invadido(a) por várias questões..... (desenvolva).

O retorno do formulário deu-se em duas semanas. Os relatos evidenciam várias questões: a grade curricular extensa, fragmentada, sem conexões claras; o excesso e acúmulo de informações sem tempo para processamento e uma dificuldade de produzir, de criar. A pesquisa individual, embora estimulada pela academia, levava os alunos ao isolamento, à falsa autonomia, à competição entre os pares, distanciando-os de perspectivas mais saudáveis, de compartilhamento e cooperação. Vêem-se sufocados por saberes que não encontram vias para apropriação, ao mesmo tempo em que vivenciam momentos de "liberdade" para experimentação, que não lhes devolve potência, mas intensifica o sentimento de abandono e solidão.

"De que afetos você é capaz? Experimente, mas é preciso muita prudência para experimentar. Vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesse em nos comunicar afetos tristes. A tristeza, os afetos tristes são todos aqueles que diminuem-nos a potência de agir. (...) Os poderes têm menos necessidade de nos reprimir do que de nos angustiar, ou, como diz Virílio, de administrar e organizar nossos pequenos terrores íntimos". (DELEUZE & PARNET, 1998, p. 75).

O grupo de pesquisa surge nesse contexto, atento a práticas que ampliem experiências, às relações outras que àquelas desenvolvidas em salas de aula, às instâncias pessoais e relacionais com o mundo. É um compromisso com a vida, para não nos convertermos em meros aplicadores de procedimentos, modelos e receitas caducas.

Participaram do grupo: Afonso Alves Costa (*Lugar de Cavalos*), Camila Magalhães Ferreira (*Ações Inúteis para Dias Úteis*) e Fernanda Graça Machado (*Antígona ou As Mulheres do Não*). Colaboradores: Clarissa Nogueira Moser, Priscilla Carbone, Renan Santos Dias e Ricardo Osiro, alunos e alunas de pós-graduação.

Referências

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escrita, 1998.
 FÉRAL, Josette (org.). **L'école du jeu**, Paris: L'Entretemps, 2003.
 RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**, São Paulo: Editora 34, 2005.
 ROYO, Victoria Pérez Royo. **Sobre a Pesquisa nas Artes**: um discurso amoroso, Revista Brasileira de Estudos Presença, Porto Alegre, v.5, n.3, p. 533-558.

TEATRO DO OPRIMIDO:

UM CAMINHO PARA A EMANCIPAÇÃO DO SUJEITO DEFICIENTE / Amanda Dias Saldan / Universidade Estadual de Maringá

Palavras-chave: deficiência, estigma, teatro, teatro do oprimido

Tendo como base uma abordagem bibliográfica, a pesquisa analisa o Teatro do